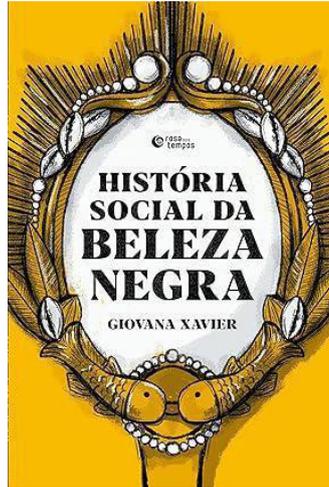


## História social da beleza negra



**Resenha de: XAVIER, Giovana. História social da beleza negra. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.**

Ana Cláudia Antunes<sup>1</sup>

O livro *História social da beleza negra*, de Giovana Xavier, é resultado da tese de doutorado em História Social na Unicamp, lançado pela editora Rosa dos Tempos, em agosto de 2021, com linguagem adaptada pela autora para atender ao objetivo de promover discussões sobre racismo e indústria da beleza para além da universidade. Giovana é ativista científica e teórica feminista negra, com pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorado em História Social pela Unicamp/New York University, professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenadora do grupo Intelectuais Negras na mesma instituição e idealizadora do perfil @pretadotora na rede social Instagram.

A obra *História social da beleza negra* revela questões subjetivas e políticas sobre racismo e o ideal de supremacia branca, por meio do surgimento da indústria cosmética direcionada para a mulher negra nos Estados Unidos, no período da virada dos séculos XIX e XX, quando aconteceu a normatização agressiva da branquidão como padrão de beleza universal (Xavier, 2021, p. 12). A autora explora fotografias e publicidades contidas em publicações da imprensa negra da época, destacando produtos para clareamento da pele e alisamento

1

Doutoranda em Design na  
Universidade do Estado de Santa  
Catarina (UDESC). Endereço  
eletrônico: anacantunes@outlook.  
com.br.

do cabelo, em busca de uma estética “menos negra”, objetivando a melhoria de vida financeira e social. Xavier articula as discussões por meio de pensadores negros como Du Bois, bell hooks, Alain Locke e Nannie Burroughs.

Na introdução, Xavier contextualiza o momento em que o livro ficou pronto e relembra sua trajetória: uma menina negra do subúrbio carioca que sonhava em tornar-se professora de uma universidade pública federal. Anos depois, como professora na UFRJ, ela observa a diferença na instituição, agora marcada pela presença expressiva de uma comunidade negra estudantil, e situa a sua biografia em uma história global interpretada por feministas negras.

A partir deste relato, percebe-se a proximidade com os ensinamentos de bell hooks, que aponta como a educação é um meio importante para a aquisição de uma consciência crítica e mudança de condição, assim como o ato de escrever significa que “encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado –, uma mudança em direção à liberdade” (hooks, 2019, p. 55).

Da mesma forma, é possível desenhar uma semelhança, no sentido de expor marcas históricas e resistência da população negra brasileira, com a obra da professora e artista visual Rosana Paulino, *Parede da memória* (2015), apresentada na Figura 1, que utiliza a costura, a gravura e a instalação para tecer narrativas poderosas sobre a experiência negra no Brasil. Com onze fotografias de família que se repetem, Rosana apresenta uma expressiva representação de pessoas negras não escravizadas, inseridos em almofadas preenchidas com algodão e emolduradas por uma costura manual ao modo de patuás. Para a artista, a costura é como uma metáfora para a reconstrução da memória e identidade (Pinto, 2019).

Figura 1 – *Parede da memória*, Rosana Paulino (2015)



Fonte: site Primeiros Negros.

No início do livro, a pesquisadora aborda o momento pós-abolição da escravidão nos Estados Unidos da América, apoiado no dilema apresentado por Du Bois (1903), sobre como era uma experiência “estranha” ser um negro norte-americano na virada dos séculos XIX e XX, para explicar o surgimento da imprensa negra, que se tornou um importante veículo de afirmação e protestos negros, pois “as políticas segregacionistas foram decisivas para que os afro-americanos criassem um mundo negro” (Xavier, 2021, p. 30).

Com a emancipação de quatro milhões de escravizados em 1865, nos Estados Unidos da América, e a promulgação das emendas constitucionais 13ª – Proibição da escravidão (1865), 14ª – Concessão de direitos de cidadania aos libertos (1868) e 15ª – Proteção dos direitos autorais dos libertos (1865), a população afro-americana vivia uma fase de luta e esperança. No entanto, a esperada integração foi tomada por um pavoroso cenário, com leis de segregação racial, conhecido como o sistema Jim Crow (Xavier, 2021, p. 28), intensificado na região Sul do país.

Milhões de negros migraram do Sul para o Norte, atrás de uma vida melhor, integrando o progresso econômico e industrial dos EUA, em uma transição do trabalho rural para urbano. Conhecido como Grande Migração, este processo é essencial para compreender a história negra no país. A autora utiliza o termo “lutas espirituais pela vida” para descrever a criação de uma cultura negra afirmativa em clubes, escolas e associações nacionais, baseada no primeiro capítulo, “Our Spiritual Strivings”, do livro *As almas da gente negra* (1903), de Du Bois, em que o sociólogo americano analisa a história do negro americano e suas lutas por afirmação, respeito e igualdade, Xavier (2021, p. 29) contextualiza como a criação de um mundo negro foi essencial para a criação da imprensa negra, base para o seu trabalho.

A miscigenação nos Estados Unidos contrapõe-se com os ideais de pureza racial da supremacia branca. O conceito de colorismo<sup>2</sup>, adotado ainda no período de escravidão, significava que os negros de pele mais clara seriam considerados melhores do que os retintos e, portanto, eram selecionados para os trabalhos domésticos durante a escravidão e, posteriormente, teriam direito às melhores oportunidades de emprego.

A formação de uma cultura mulata dentro do sistema escravista

2

Ideologia racial baseada nas diferenciações internas entre negros claros e escuros, praticada desde o século XVII (Xavier, 2021).



permitiu que mulatos constituíssem um grupo diferenciado durante o período Jim Crow, tornando-se propulsores da imprensa negra e fomentando uma elite mulata com nomes influentes, como Booker T. Whashington e Fannie Barrier Williams, integrantes da pigmentocracia<sup>3</sup>. A evolução do sistema de classificação racial nos censos demográficos definiu as categorias black (negro), *mulatto* (mulato), *quadroon* (pessoas com um quarto de sangue negro) e *octoroon* (aquelas com um oitavo ou qualquer traço de sangue negro).

A discussão é ampliada sobre como “o ideal mulato era simultaneamente alimentado pelo racismo branco e pelo colorismo negro; usado por afro-americanos para construir relações internas de classe, a significação da pele clara como símbolo de beleza, inteligência e modernidade” (Xavier, 2021, p. 57).

A partir desta discussão, é possível estabelecer contrastes e similaridades com o Brasil, que, no caminho para um suposto progresso, adotou o padrão europeu como referência estética, incentivando a miscigenação da população. Segundo Pinto (2019, p. 1), “a intelectualidade do século XIX fez surgir teorias científicas do branqueamento como solução – misturar a população negra com a branca, incluindo os imigrantes europeus, geração por geração, até mudar o perfil racial do país”. A obra de Peter de Brito, intitulada *Mimese* (2005), apresenta, na Figura 2, uma fotografia impactante da lavagem de mãos de uma pessoa com vitiligo, sugerindo a remoção da cor da sua pele, em metáfora crítica sobre o branqueamento da população negra no Brasil (Zipper, 2024).

Figura 2 – *Mimese*, Peter de Brito (2005)



Fonte: site Zipper Galeria.

3

Grupo seletivo de mulatos, que, com formação universitária, influência política e capital econômico, assumiu diversos projetos como líder da raça negra, em cidades como Filadélfia, Savannah, Atlanta, Nova York, Boston, Nova Orleans (Xavier, 2021 p. 51).

No entanto, o racismo se apresenta também de forma cruel no Brasil, Gomes (2019, p. 19) afirma que, no país, “quanto mais preta é a cor de pele e mais crespo é o cabelo, mais as pessoas que possuem tais características são desvalorizadas e ensinadas a se desvalorizar, não só esteticamente, mas também enquanto ser humanos”, sendo possível, então, identificar uma semelhança com a história da beleza negra nos Estados Unidos da América.

A segunda parte do livro, “As nobres mulheres de cor”, aborda o Movimento Novo Negro, formado por artistas e escritores do Harlem Renaissance, que surgiu na década de 1920. Essa efervescência cultural estimulou a formação de “líderes da raça”, onde a autora destaca o papel da nova mulher negra como figura central.

Frequente na imprensa negra, a presença de mulheres exercendo papéis de liderança foi algo que chamou a minha atenção. Considerando a visão hegemônica do mundo público como branco e masculino, passei a examinar os discursos que essas mulheres — em sua maioria, escritoras, oradoras e professoras — teciam para afirmar sua intelectualidade negra. Por meio de colunas, discursos, livros, partituras, peças teatrais, entendi que, nos debates sobre modernizar-se através da criação de novos hábitos e representações, a nova mulher negra foi uma figura central (Xavier, 2021, p. 62).

As diversas publicações da época demonstram que o objetivo era apresentar as mulheres da raça com pompa e circunstância, afim de afastar a concepção de imoralidade da mulher negra provindos do racismo que associava a mulher negra à promiscuidade, como demonstrado na Figura 3, a seguir:

Figura 3 - Capas de revista



Fonte: Xavier, 2021.

Nesse contexto, Collins (2019, p. 37), importante pensadora, demonstra como raça, classe, gênero e sexualidade constituem sistemas de opressão que se retroalimentam. Ela defende que certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são utilizadas para justificar maior opressão, citando as jezebéis, procriadoras do tempo da escravidão, e as onipresentes prostitutas negras, presentes na cultura popular contemporânea, como estereótipos negativos aplicados às afro-americanas. A valorização da nova mulher negra é marcante nos textos que articulam o protagonismo feminino e o desenvolvimento negro. Ela era apresentada como esposa e mãe de família, conquistando o que a escravidão a havia tomado, incluindo a feminilidade.

A terceira parte, intitulada “Mulher maravilha da raça e suas versões”, foca na normatização da branca como padrão universal, tendo a indústria da beleza contribuído para que a pele clara fosse considerada como referência de limpeza, urbanidade e progresso, disseminando a eugenia e os valores supremacistas brancos.

Anúncios publicitários de produtos de limpeza e beleza voltados para a população negra, no intuito de clarear a cútis, são apresentados e problematizados na obra. Contudo, destaca-se que “a cosmética negra se caracterizou pela articulação entre empreendedorismo e educação, cuidado físico e equidade social, como nas companhias Overton, Madam C. J. Walker Manufacturing Co. e Poro Hair Beauty” (Xavier, 2021, p. 81), empresas que foram grandes empregadoras de mulheres negras e incentivadoras do seu

progresso financeiro, por meio de escolas de beleza e programas para formar operadoras e vendedoras.

Um dos pontos altos do livro é o chamado para a análise errônea de reduzir as políticas do cuidado da pele negra ao desejo superficial de se tonar branco. A autora aborda com muita sensibilidade a questão de criticar a busca por “embranquecer” a pele. Dessa forma, argumentamos, como é possível julgar os negros que ansiavam por respeito e oportunidades justas de trabalho e crescimento, considerando o momento histórico marcado por cenas de violência, linchamentos e terror disseminado por supremacistas brancos em pleno período do sistema Jim Crow?

Comerciais que associavam a melhoria da aparência ao progresso racial são apresentados e analisados no livro, levantando-se a questão de como “a beleza tornou-se pauta fundamental nos projetos políticos de afirmação econômica, racial e de gênero” (Xavier, 2021, p. 91) para a população negra, como exemplificado na Figura 4. Enfatiza-se que a pressão para tentar clarear a pele era maior para as mulheres, convencidas a utilizar os bleaching (cosméticos focados em clarear a pele) para afastar a imagem promíscua e primitivista que lhes era atribuída. O grande problema desses clareadores era a composição com soda cáustica e outros abrasivos, que feriram e mataram muitos negros.

Figura 4 - Anúncio de clareador de pele e alisador de cabelo



Fonte: Xavier (2021).

As opiniões diversas sobre o uso dos clareadores provocaram uma polêmica na comunidade negra. Nannie Burroughs (1904) publicou um

artigo no *The Voice of Negro*. A líder ativista protesta contra a “negrofobia”, classificando a utilização de clareadores de pele e alisantes de cabelo como tão devastadora quanto o preconceito de cor entre os próprios negros (Burroughs, 1904, p. 104). A partir dessa crítica amplia-se a discussão acerca das práticas do colorismo. As reflexões abrangem desigualdades de gênero e raça na comunidade negra e reitera-se que a situação de vulnerabilidade das mulheres de cor as tornava mais suscetíveis ao uso dos clareadores, em busca de aprovação social.

Xavier (2021) explana que o mercado de cosméticos para negros também incluía produtos capilares. O alisamento era pautado sobre a narrativa de construção de uma imagem respeitável, mais democrática que os clareadores de pele, e eles podiam ser utilizados por todos os negros, independente da tonalidade da cútis. A história do alisamento capilar entre as mulheres negras “costuma ser tratada a partir de uma perspectiva do “pretômetro”, que atribui maior ou menor grau de consciência racial por meio de julgamentos baseados em modelos físicos e comportamentos idealizados” (Xavier, 2021, p. 117). O livro traz ainda a história de empresárias da indústria cosmética negra, como Annie Turnbo, criadora da Poro Hair Beauty Culture, e Sarah Breedlove, idealizadora de Madam C. J. Walker.

Estabelecendo uma comparação, Gomes (2019, p. 18) aponta que, no Brasil, “a textura crespa do cabelo, em um país miscigenado e racista, é sempre vista como um estigma negativo de mistura social e, por conseguinte, é colocada em um lugar de inferioridade dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro”. Rosana Paulino é citada por Pinto (2019), afirmando que, no Brasil, “o cabelo é um definidor fenotípico mais forte que a cor da pele. Uma negra de pele mais escura de cabelo liso ‘vira’ morena. A questão dos cabelos é fator político e as artistas trazem muito isso para a sua produção”.

Gomes (2019) analisa o cabelo, no contexto atual, não apenas como parte do corpo físico, mas sim como corpo social, linguagem e símbolo de resistência cultural. Segundo a autora, para se libertar da inferiorização atribuída ao corpo negro, é necessário a construção de uma nova imagem, reassumindo a negritude por meio do resgate das técnicas e artes relacionadas com o corpo a partir das artes corporais africanas; o

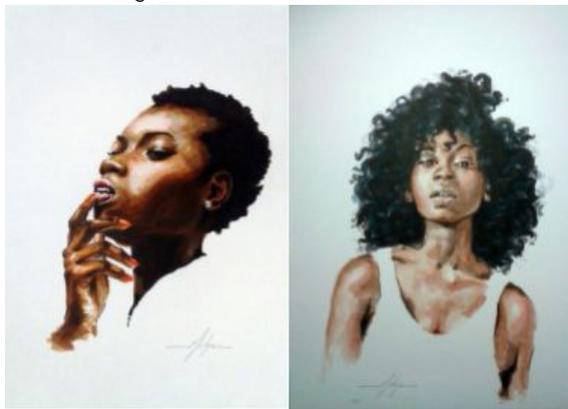


corpo humano, como estímulo de arte, é uma realidade inerente a todas as culturas, seja pintura corporal, maquiagem e tatuagem. Os estilos de penteados ilustram essa tendência universal do corpo, como objeto de beleza e estética.

Braga (2023, p. 12) afirma que “os modelos de beleza permanecem por muito tempo absolutos antes de serem relativizados, ressignificados [...] os conceitos de beleza construídos num determinado momento histórico se desfazem em momentos seguintes, transformam-se”. Esse processo de mudança carrega memórias e continuidades em relação ao momento anterior, a beleza se torna uma produção histórica, produto de uma memória ressignificada.

Neste contexto, a obra *Odara* (2013) apresenta uma série de gravuras do artista plástico brasileiro Muha Bazila, dedicada a mulheres negras, no intuito de retratá-las e exaltá-las, como apresentado na Figura 5. O artista intenta uma forma de colaborar para essa mudança de percepção do cabelo afro, a fim de romper com uma estética hegemônica branca (Geledés, 2015).

Figura 5 – *Odara*, Muha Bazila (2013)



Fonte: captura de tela do site Geledés.

O último capítulo do livro é dedicado à história da empresária da marca homônima de cosméticos Madam Walker, que se destacou como ativista antirracista e por investir fortemente na própria comunidade negra, financiando inúmeros projetos educacionais. A autora ressalta que o objetivo é apresentar aspectos da trajetória de Madam Walker sobre “o uso criativo

da posição de marginalidade por parte das mulheres negras, com destaque para sua perspicácia em transformar o mercado do cuidado capilar em um negócio altamente lucrativo, baseado em conexões entre beleza e política” (Xavier, 2021, p. 127).

Estabelecendo uma comparação, Gomes (2019) aponta como, no Brasil contemporâneo, os salões de beleza étnicos, especializados em cabelos negros, também investem na própria comunidade. Porém, através do fortalecimento identitário, estes salões se complexificaram e profissionalizaram, auxiliando as pessoas a assumirem a negritude firmada em seus cabelos como aspecto de identidade, enquanto valorizam a comunidade negra, formando espaços coletivos de desenvolvimento consciente de estratégias de sobrevivência e resistência.

No epílogo, Giovana traça “Fios com o Brasil”, afirmando que a quantidade de propagandas afro-brasileiras, apesar do menor número, quando comparada à afro-americana, é relevante, e apresenta uma cosmética negra impulsionada por projetos de afirmação racial. Assim, nos dois países, a indústria da cosmética negra representou uma importante função sobre a “reconstrução da feminilidade negra e também na criação de um sistema colorista que criava hierarquias de beleza e oportunidades dentro da comunidade negra” (Xavier, 2021, p. 139).

A obra apresenta detalhadamente como foi criado, nos Estados Unidos, um modelo de beleza cívica, sustentado por um sistema racista e colorista. Mas que, ao mesmo tempo, foi utilizado como fortalecimento da comunidade negra por meio da criação da indústria de cosméticos negra, que proporcionou emprego e formação educacional para a comunidade negra, além de ser um importante meio na luta contra o racismo.

A discussão plural e interseccional apresentada por Giovana Xavier levanta questões subjetivas, a partir da análise sobre o surgimento de uma indústria cosmética voltada para os negros estadunidenses, mas, principalmente, para a mulher negra, bem como dialoga com a efervescência de estudos na área de gênero, raça e etnia no Brasil, apoiada em estudos feministas negros. A obra contribui para aprofundar os estudos sobre racismo na contemporaneidade, afirmando que as marcas de gênero e sexualidade são inter-relacionadas às práticas racistas.



## Referências

BRAGA, A. B. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Paulo: EdUFSCar, 2023.

BURROUGHS, N. H. Not color but Character. In: *The voice of the negro: an illustrated monthly magazine*. Our Woman's, jul., 1904, v. 1, n. 7, p. 277-279.

COLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consistência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999 [1ª ed. 1903].

GELEDES. *A beleza negra de Odara*. 18 jun. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-beleza-negra-de-odara/?amp=1>. Acesso em: 24 out. 2024.

GOMES, N. L. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. São Paulo: Autêntica, 2019.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

PINTO, T. R. *Ser negra nas artes visuais*. Primeiros Negros, 10 ago. 2019. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/ser-negra-nas-artes-visuais/>. Acesso em: 24 out. 2024.

XAVIER, Giovana. *História social da beleza negra*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.

ZIPPER. *Mês da Consciência Negra: perspectivas pelas lentes das artes visuais*, 17 nov. 2023. Disponível em: [ipergaleria.com.br/blog/125-mes-da-consciencia-negra-perspectivas-pelas-lentes-das-conheca-quatro-obras-de-artistas-contemporaneos-que-oferecem/](http://ipergaleria.com.br/blog/125-mes-da-consciencia-negra-perspectivas-pelas-lentes-das-conheca-quatro-obras-de-artistas-contemporaneos-que-oferecem/). Acesso em: 24 out 2024